

TRÊS FIGURAS DO SÉCULO XX

Folha da Manhã – 18 de agosto de 1935.

É cedo ainda para apontar o resultado da influência de Henri Bergson na marcha do pensamento universal anti-kantista e anti-intelectualista, acreditando mais na força da intuição humana, na mística que faz com que os católicos o considerem um dos seus. Esse descendente de semitas prega a restauração do espiritualismo e o primado da inteligência. Com Oswald Spengler e Hermann Keyserling, seguidos de Edmundo Husserl, de Hartmann, Lask e Max Scheler, podemos dizer, criadores do fenomenismo filosófico ou da filosofia fenomenológica em oposição à filosofia neo-kantiana de antes da guerra de 1914, Bergson chefia todo o movimento anti-intelectualista e anti-kantiano, caracterizador do nosso tempo.

Existe, hoje em dia, em forte combate à triste realidade dos fatos sociais, uma intensa reação romântica. Fazendo parte integrante deste reacionarismo filosófico está o autor da “Evolução Criadora”. Os erros produzidos pela mecanização e pela tecnicização estão longe de serem avaliados. O progresso mecânico deslumbrou a sociedade do século XIX. O avanço da técnica impediu o homem de agir conscientemente, conforme as forças do capitalismo e do comunismo que abalam os alicerces da sociedade contemporânea. Senhor de uma filosofia de êxito fácil, de um racionalismo pedante e extremado imbuído

do culto do próprio indivíduo, aproveitou-se o homem da técnica, para chegar mais depressa ao sucesso com a riqueza. E deu-se então a revolução reacionária anti-intelectualista e anti-kantiana. E é Nicolas Berdiaeff que nos mostra em cores vivas toda a angústia de nossa época: “Deus criou o homem. O homem criou a máquina para amenizar as asperezas da vida. Surgiu a técnica. A máquina, já indispensável, rebela-se contra o homem. O homem inquieto insurge-se contra Deus. A criação revolta-se contra o criador”. Eis toda a tragédia do progresso! É a nova fé substituindo a antiga fé, o culto da máquina substituindo o culto de Deus, como nota René Fullop Miller. E a reação, com Bergson à frente, nasce daí. A reação esperada. A reação necessária.

Com Bergson, surgiu o bergsonismo. Ele é quase toda a filosofia do século XX. Aplaudindo a força da inteligência, nega o bergsonismo que só com a inteligência possamos abraçar a realidade de todo infinito. E defende a intuição como capaz de nos dar uma compreensão total do absoluto, vibrando assim um golpe de morte no materialismo histórico. Negando a ciência natural e a ciência cultural, isto é, em oposição à filosofia orientada no sentido da ciência natural e contrário à filosofia orientada no sentido da ciência cultural, o bergsonismo propõe a filosofia da vida. “O pensamento é fraco em face da vida, é incapaz mesmo de compreender a vida, que, para ser na verdade sentida, precisa da intuição que não é inerte nem superficial”.

Possuidor de um estilo claro e conciso, de uma lógica quente e de um raciocínio frio, argumentador completo, fácil foi para Henri Bergson mostrar que a civilização materialista estava cansada e, como todas as civilizações cansadas, decadente, fraca, sem forças para ir adiante, para marchar, para viver. E pregou o regresso ao espiritualismo, liderando, inconscientemente, a reação romântica, o romantismo exaltado, reacionário mas utilíssimo, deste século de decisão das lutas ideológicas do século que passou. Só o misticismo pode salvar o mundo. No ímpeto vital está a energia que move o cosmos. O élan vital é que nos leva diretamente a Deus. Acreditando tanto no elemento psíquico, jogou-se contra o sociologismo de Durkheim, jogou-se contra toda a sociologia-filosofia dominante. Jogou-se contra o positivismo de Comte,

contra Spencer e Mill, contra o naturalismo impotente, contra o racionalismo puro e Emmanuel Kant. Enfim, jogou-se contra o materialismo e o mecanicismo e formou uma corrente filosófica à parte, que podemos chamar de moderna.

É claro que no pouco espaço de um artigo de jornal não se pode discorrer sobre o autor dos “Dados Imediatos da Consciência”. Dissemos o necessário. Basta o que abordamos para penetrarmos no pensamento do iniciador do movimento que criou a filosofia da vida.

Henri Bergson gerou Spengler e Keyserling, os dois filósofos e maiores pensadores da atualidade, figuras das mais representativas do pensamento político-social universal. Como Bergson, são místicos e espiritualistas. Mostram que, da realidade, nós pouco conhecemos, que não sentimos toda a realidade e que só aos poucos podemos nos integrar totalmente nela. Limitam o mundo ao nosso sentimento porque o que está fora dos nossos sentidos e da nossa intuição não nos pode interessar. Querem unir a filosofia com a vida, esperando que dessa união nasça a harmonia entre o pensamento e a ação.

Essa reação romântica de que falamos, da qual fazem parte Bergson, Spengler e Keyserling, em procura de um destino para a humanidade, neste momento em que a palavra de demolição vai aniquilando as energias mais profundas, desesperadamente colocou-se entre o capitalismo e o comunismo. E a corrente fascista que invade o mundo inteiro é o produto dessa reação romântica. Combatendo cegamente tanto o capitalismo como o comunismo, Spengler, que pregou assepticamente a decadência do ocidente, e Keyserling, que anunciou o nascimento de um novo mundo, são resultados da inexorável renovação mental do século XX. E todos esses movimentos nacionalistas que pensam reabilitar o mundo das energias perdidas em noites seguidas de análise do espírito estão eivados de romantismo, refletem o rumo que há de tomar a humanidade ante os pronunciamentos das verdades da terra, do homem, da raça.

Spengler é o espírito desanimado. O estado de coisas depois da grande guerra não o ilude. É o espírito crítico assombrado com os resultados a que chegou. Místico antes de tudo, concluiu pelo esgotamento do ocidente que acha

ter chegado ao fim da sua caminhada histórica através dos séculos. Para esperarmos melhores dias, é preciso o ressurgimento de uma cultura que anteceda uma civilização. Portanto, sem uma cultura não podemos esperar uma civilização, pois a civilização é o resultado do esgotamento da cultura. Afirmo audaciosamente porque ele sabe como “historiador que a sua maior tarefa é compreender os fatos do seu tempo e pressentir, interpretar e desenhar o futuro”. Ele fixa um momento como Keyserling fixa uma atitude. “Vivemos uma época de fatalidade. Época da história a mais grandiosa, não só da cultura faustosa da Europa ocidental, com o seu tremendo dinamismo, senão de toda a história universal. Mais empolgante e mais terrível que as épocas de César e Napoleão”.

Keyserling, ao contrário de Spengler, considera-se o reabilitador da filosofia, trazendo-a para fora dos gabinetes dos filósofos, para a rua, para a vida. Ao contrário de Spengler, prega renovação e não esgotamento. Ele sente o nascimento de um novo mundo, de uma nova civilização escorada no oriente em virtude do fundo pessimismo que corrói a alma do homem ocidental. Ele pensa em uma nova era, grandiosa e mais feliz. É tão místico e tão crítico quanto Spengler. Maldiz a mecanização que concorreu para o equilíbrio total entre a civilização e a cultura.

É pena que essas linhas entaladas na pequenez deste artigo não permitam uma maior exposição sobre a obra destes homens bastante representativos deste período angustioso. Continuaremos ainda um dia o que deixamos hoje começado. Pela situação que ocupam, eles bem merecem a nossa atenção.

Imaginemos uma pirâmide. Coloquemos Henri Bergson no vértice dessa pirâmide. As linhas que partem do vértice correspondem a cada um dos pensadores orientados pelas idéias de Bergson, como Spengler, Keyserling, Husserl, Hartmann, entre os maiores.

Não há exagero em tal imagem. Os poucos traços sobre o pensador francês e sobre os dois alemães que aqui deixamos dizem, sem dúvida, alguma coisa dessa influência...